

## 2. O cuidador

É um tipo muito conhecido e apreciado, o bom rapaz, honrado, tímido, trabalhador e serviçal.

Abunda na sociedade portenha. Esse personagem requer uma descrição breve, porém necessária. “Breve”, porque todo o mundo sabe como ele é; “necessária”, porque tendemos a esquecer sua existência, na medida de sua excelente adaptação a toda classe de normas e valores elevados.

Por ser fruto de uma engrenagem fantasística muito consolidada com a mãe, podemos afirmar que a presença dele em qualquer tipo de sociedade “civilizada” é quase natural, como o ar e a água.

Na adolescência, é o cara que acompanha as moças somente até a porta, as escuta, as compreende e as aconselha a como se reconciliar com o namorado de plantão. Está sempre atento ao terrível sofrimento e às dores difusas de que elas padecem por causa de algum (outro) jovem canalha ou futuro malvado. É o cara que sempre está ali.

Sempre atento, dizendo “sim” com a cabeça, “claro, que barbaridade, pobre menina!”; é o bom amigo nas horas boas, e também nas más.

## O CUIDADOR

As damas podem contar com eles a qualquer hora do dia ou da noite. Mas só para conversar.

Um telefonema, e já o vemos buscando um táxi, pronto para o socorro, e amanhecer escutando aventuras amorosas das mais variadas, sempre desditosas: “Fulano, que poderia ser o homem de minha vida, mas que ama outra, que desgraça, a minha!” “Beltrano, que é um canalha, mas o que posso fazer? Eu o amo”, etc.

O cuidador compreende tudo. As moças podem falar com ele bem mais do que com a melhor amiga. Até as boas amigas o invejam de vez em quando, mas o cuidador é uma espécie de “outra-eu”, sem sombra de má intenção..., “como eu”.

Podem empregá-lo como chofer honorário ou lhe dar qualquer tarefa cuja retribuição seja a honra ou um esboço dela, um pingo de honra. Ele irá, pronto para resolver qualquer coisa que seja, ou melhor, que uma dama solicite.

Reconhecemos que o cuidador expressa, de certo modo, os ideais de justiça, igualdade e solidariedade que todo o mundo diz assumir. E, sobretudo, está convencido de que as diferenças entre as pessoas são coisas lamentáveis; por exemplo, a desigualdade sexual. É algo que traz problemas para todo mundo, sobretudo para suas amigas.

Não é que o cuidador pense que as mulheres sejam exatamente iguais aos homens, senão que... “*deveriam sê-lo*”.

Para testemunhar que existe pelo menos um homem bom no mundo, que não irá tirar proveito da diferença sexual, aí está ele, o cuidador.

Se dominasse sua timidez, o que raramente sucede, poderia se tornar um franco defensor público dos direitos femininos. Em sua aventura edípica, fora testemunha horrorizada da insatisfação de sua mãe, desgraça cuja responsabilidade atribui a esse macaco indecente, o pai.

## FILHINHOS DE MAMÃE

A referida aventura o sensibilizou; seu olfato inteligente e agudo detecta desde muito longe as damas sofredoras para lhes oferecer o bálsamo de seu grande coração.

Ele é um *pollerudo*, um filhinho de mamãe.

*Mas será que o cuidador não as deseja?*

Falando com eles, tem-se a impressão de que são estranhamente felizes em oferecer às moças essa nobre imagem de um cara que, embora não ignore a diferença sexual, está muito disposto a dissimulá-la.

Sentem que *é seu dever* fornecer essa imagem, porque, caso contrário, as pobres moças não encontrariam consolo. Unem, assim, o dever ao prazer.

Essa figura não é outra senão a do lindo nenê da mamãe, seu único consolo eficaz diante da dor de viver.

E proporcionar essa imagem lhe permite, por sua vez, a reedição daquele espaço fechado, esférico, loucamente prazeroso que viveu com sua mãe; um espaço fechado, sobretudo, para o macaco indecente. O dito cujo, por sua vez, como não sabia muito bem o que fazer com os protestos intermináveis da *senhora*, decidiu, no devido momento, deixar esse trabalho ao nenê. Não está claro se decidiu isso de uma vez por todas, ou se depois de uma longa experiência acabou convencido de que era uma solução viável a todos.

Mas, uma vez mais: *o cuidador, não as cobiça sexualmente?*

Nas ocasiões em que ele consegue abandonar o espaço do “divino prazer”, a resposta seria afirmativa.

Então, surgiriam dois problemas de difícil solução. Primeiro, dar um sinal desse apetite. Segundo, a eventualidade de encontrar um eco positivo ao seu sinal.

Examinemos ambos os problemas ao mesmo tempo, porque estão entrelaçados.

## O CUIDADOR

Se enviasse algum sinal explícito, sentiria que sua imagem periga, e tantos anos de trabalho acumulado nessa estátua poderiam se revelar falsos, em um abrir e fechar de olhos.

Talvez a única maneira de manter a imagem, dando lugar ao desejo genital, fosse que tal desejo se apresentasse com a mesma “naturalidade” que as águas vertentes ou o amanhecer, ou as flores de primavera; sem forçamento algum, como que obedecendo a uma ordem superior, à qual cada um dos elementos se submetesse, para sua própria felicidade.

É uma “ordem” na qual a sexualidade e a morte ficam integradas à felicidade geral, à sucessão interminável das gerações, etc.

Esse é um dos sonhos que torna os cuidadores tão compatíveis com as inúmeras damas, as quais vivem sonhando com o desejo que nascerá exclusivamente do amor, do amor puro, maternal.

A situação que eles costumam preferir é a de permanecer na fila enquanto a dama está com outros; o turno deles chegará “naturalmente”, por decantação; eles não irão proceder como o macaco... Afinal, somos ou não somos seres humanos?

O cuidador não desconhece que, enquanto isso, a moça se provê de satisfações (e insatisfações!) de monte, pois não é possível fechar os olhos diante de tanta evidência. Mas, nesse ponto, sua alquimia mental logo lhe dá muitas “razões”; não é que ela queira que isso aconteça, senão que busca um homem bom, mas ainda não o encontrou. Como fazer saber que está aí, a seu lado?

Precisa esperar, não forçar nada. Esperar!

Não há delícia maior para um neurótico obsessivo.

Recordemos a análise que Freud conduziu do paciente conhecido desde então como “o Homem dos Ratos”.

Havia dez anos que esse homem esperava o sim da dama de seus pensamentos. Dez anos!

## FILHINHOS DE MAMÃE

Por alguma razão misteriosa, todo o mundo está convencido de que, quando um cavalheiro permanece durante muito tempo demandando uma dama, enquanto ela prefere ignorá-lo, inclusive desprezá-lo, é porque a ama de verdade.

Para ele, porém, será sempre um horizonte de angústia, repleto de obscuros presságios, se ela o estiver desejando, digamos, “como objeto sexual”.

Aparecem, então, as diversas figuras da impotência, seja a do “órgão”, ou de não estar à altura, ou de que haja, debaixo das saias, algo como um desejo ilimitado e abissal, a face oculta da demanda materna; como se diz, a outra face da lua.

O neurótico obsessivo pode parecer, ao seu interlocutor, uma figura bastante ingênua, além de rotineira e opaca. Seus sintomas e inibições têm uma inteligência estranha. Não é raro que o cuidador se queixe, protestando contra seu pouco sucesso profissional (muito esforço e pouca colheita), ou contra o fato de que, exatamente quando determinado projeto tende a se concretizar, ali fracassa ou se posterga.

Ou esquecem dele ou nunca é reconhecido seu valor.

Falta de penetração, enfim.